



Abordagens Históricas Sobre a História Escolar

Circe Fernandes Bittencourt

RESUMO – Abordagens Históricas Sobre a História Escolar. O artigo aborda as pesquisas sobre a história do ensino de História desenvolvidas nos últimos anos sob diversas perspectivas e problemáticas. O objetivo é apresentar, a partir dos problemas colocados pelos pesquisadores, as pesquisas sobre a história da disciplina em seu percurso de escolarização. Situa a constituição da história do ensino no âmbito das pesquisas sobre o ensino de História, identificando as características dessa linha de investigação e os momentos em que se privilegiam estudos sobre a disciplina em perspectiva histórica. Apresenta dois momentos das pesquisas iniciadas a partir da década de 1980, destacando os fundamentos teóricos e metodológicos, situando-os nas fronteiras entre as pesquisas historiográficas e as educacionais.

Palavras-chave: História escolar. Currículo. Conhecimento Escolar. História da Disciplina. Forma Escolar.

ABSTRACT – Historical Approaches to School History. This article focuses on recently developed researches on the history of teaching History under several perspectives and problems. Starting from the diversity of approaches, our objective is to present the researches on the history of the school subject in its educational trajectory. Initially, we place the constitution of the history of teaching in the field of researches on teaching history, trying to identify the characteristics of this research line and the moments when the study of the discipline under a historical perspective was privileged. Then we present two aspects of the researches started in the 1980s, highlighting their theoretical and methodological foundations, placing them on the borderline between historiographical and educational studies.

Keywords: History. Teaching. Curriculum. School Knowledge. History of Discipline.

A história do ensino de História tem sido objeto de pesquisas conforme levantamento das produções sobre o ensino de história a partir da década de 1980. Os Anais dos encontros sobre o Ensino de História – Perspectivas do Ensino de História e Encontro Nacional de Pesquisadores do Ensino de História – e dos Simpósios da Associação Nacional de Professores Universitários de História (ANPUH), tanto nacionais como regionais, indicam uma permanência do tema dentre as investigações da área¹.

A presença da história do ensino de História como temática de pesquisa a partir dos anos de 1980 tem provocado reflexões sobre as especificidades e delimitações dessa linha de investigação. Thaís Fonseca (2003, 2007) oferece contribuições ao apresentar o *estado da arte* de um campo considerado incipiente de pesquisa, assim como Gatti Júnior (2009) preocupou-se com os procedimentos utilizados na análise e no trato das fontes de pesquisa. Fernando Cerri (2007) apresenta o processo de consolidação da história do ensino de História por intermédio dos referenciais teóricos sobre os quais se ancoram os seus trabalhos e indica perspectivas para futuras pesquisas.

As análises desses autores identificam diferentes abordagens sobre o tema e os desafios que as pesquisas têm enfrentado, proporcionando, desta forma, novos questionamentos em relação à trajetória da história do ensino de História. A partir do mapeamento de diálogos que os pesquisadores estabeleceram com a bibliografia de referência surgem as indagações sobre a inserção do tema em problemáticas que têm permitido subsidiar os estudos. É possível, assim, indagar se as problemáticas que mobilizam as análises, articuladas aos fundamentos teóricos da história do ensino de História, tornam-se aspectos significativos para a compreensão do tema como objeto de investigação junto aos programas de pós-graduação criados depois da reforma dos anos de 1970.

Anteriormente a essa fase dos cursos de pós-graduação no país, foi publicado na Revista de Pedagogia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, o artigo *A História no Curso Secundário Brasileiro* de Amélia Domingues de Castro (1955), no qual a autora, professora-assistente da Cadeira de Didática Geral e Especial, apresenta um estudo evolutivo da disciplina no ensino secundário, incluindo-se no debate que então ocorria sobre a cientificidade da História e sua presença nos currículos como estudo obrigatório para a formação intelectual dos alunos (Castro, 1955). Um outro trabalho do período, do professor da Faculdade Nacional de Filosofia do Rio de Janeiro, Guy de Hollanda (1957), *Um quarto de século de programas e compêndios de História para o ensino secundário brasileiro (1931-1956)*, publicado em 1957, mostra o percurso do ensino da História a partir da reforma Francisco de Campos de 1931. Trata-se de um trabalho de Guy de Hollanda em sua condição de professor especialista em História do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (CBPE), órgão pertencente ao Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais (INEP), realizando, então, o histórico sobre os *Programas e compêndios de História* (Hollanda, 1957).

Na década de 1950, período de intensos embates em torno elaboração da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), havia uma disputa entre

intelectuais e educadores em torno da criação dos Estudos Sociais que substituiriam a História e a Geografia nos currículos do nível secundário. Os Estudos Sociais eram uma das preferências de intelectuais ligados à denominada Escola Nova, como o caso de Delgado de Carvalho, professor pertencente aos quadros do Colégio Pedro II e do Instituto de Educação, dentre outras instituições, e muito próximo ao círculo de Anísio Teixeira nas esferas de poder do INEP (Munakata, 2004). Em defesa dessa nova disciplina, Delgado de Carvalho (1970) apresentou um capítulo no livro *Introdução Metodológica aos Estudos Sociais* sobre a trajetória da História e da Geografia em currículos nacionais e internacionais. O histórico pretendia demonstrar o esgotamento e os limites do ensino de História e de Geografia para as novas gerações, defendendo, nessa perspectiva, a tendência de se efetivar uma síntese das Ciências Sociais por intermédio de uma nova disciplina escolar, os Estudos Sociais.

A retomada de pesquisas sobre a história do ensino de História ocorreu apenas na década de 1980, desta vez no contexto da ampliação dos cursos de pós-graduação das universidades brasileiras, mas novamente relacionadas aos Estudos Sociais. O ensino da História, incluindo as análises sob perspectivas históricas, passou a fazer parte das pesquisas criadas em meio aos debates sobre as reformas curriculares que, então, ocorriam em vários estados do país. Considerando a relação entre reformulações curriculares e as pesquisas sobre o ensino de História e, em particular, sobre a história do ensino de História, a opção, neste artigo, foi a de fazer um balanço da produção a partir desse período com o objetivo de discutir as problemáticas que acompanharam a trajetória de diferentes trabalhos sobre o tema.

A partir desse objetivo central, este texto oferece uma caracterização de um conjunto de pesquisas identificando os diferentes momentos da produção e os *lugares* privilegiados em que tais pesquisas têm sido realizadas. Os momentos significativos de produção são apresentados de forma a articular as problemáticas das pesquisas da história do ensino de História aos referenciais teóricos e metodológicos que as fundamentam, visando identificar as áreas de fronteiras em que elas se situam.

Uma questão inicial que se colocou para a realização da análise foi a de estabelecer critérios de seleção das pesquisas, uma vez que não se tem a pretensão de traçar um estudo exaustivo sobre o tema. Pelo levantamento das publicações constata-se que artigos e a maioria dos livros resultam de dissertações de mestrado e teses de doutorado que, ao lado das demais referências em Anais dos Encontros, estão parcialmente disponíveis em bancos de dados². Mas o tema, muitas vezes, está inserido em estudos mais gerais sobre o ensino de História, em investigações relativas à história dos livros didáticos ou à história dos professores. Existem trabalhos relacionados à história ensinada em diferentes currículos, sobretudo nos processos de reformas educacionais e que, embora enfatizem o presente, acabam por situar vários aspectos da trajetória da disciplina em outros momentos das atuações das políticas públicas. A história do ensino de História, por vezes, se insere em análises de conteúdos específicos, como o caso do

ensino de História da América ou estudos sobre a história dos povos indígenas ou os de origem africana, estudos esses que vêm sendo especialmente abordados depois da promulgação das leis 10.639/2003 e 11.645/2008.

Tendo em vista tais dificuldades para a delimitação dos trabalhos sobre a história do ensino de História, as fontes para essa análise limitaram-se às publicações, a dissertações e teses às quais foi possível realizar uma leitura integral dos textos. É importante ressaltar que o *corpus* foi constituído por uma coleta que possibilitasse uma amostragem significativa, considerando o período em que se constitui e se expande a área da pesquisa do ensino de História, sem a pretensão de ser exaustivo. Por esses critérios foram selecionadas 110 produções, assim distribuídas:

TABELA 1			
Teses e Dissertações 1988-2009			
ANO	DISSERTAÇÕES	TESES	TOTAL
1988	01		01
1989			
1990			
1991	01		01
1992	02		02
1993	03	01	04
1994	01		01
1995			
1996	05	01	06
1997		02	02
1998	01	01	02
1999	01		01
2000	02	01	03
2001		02	02
2002	01	02	03
2003	01		01
2004	01	01	02
2005	02		02
2006		03	03
2007	01	02	03
2008	01	01	02
2009	02	02	04
TOTAL	26	19	45

3

TABELA 2				
Publicações 1988-2009				
ANO	LIVROS	CAP. LIVROS	ARTIGOS	TOTAL
1988		02	01	03
1989				
1990	01			01
1991				
1992				
1993	01		03	04
1994				
1995				
1996		01		01
1997	01	01		02
1998	01	02	05	08
1999	01		03	04
2000	03	01		04
2001	01	01	01	03
2002	01		01	02
2003	02	05		07
2004	02	01	01	04
2005			03	03
2006	01		02	03
2007		06		06
2008		01	01	02
2009		08		08
TOTAL	15	29	21	65

Tendo em vista o conjunto das pesquisas elencadas, deve-se destacar que parte significativa dos livros publicados, assim como alguns capítulos de livros e artigos dos periódicos, corresponde a teses ou dissertações. É possível, também, constatar que tem havido um número significativo de publicações, situação que demonstra uma circulação relativamente ampla das pesquisas⁴.

Pelas Tabelas apresentadas pode-se observar um ritmo constante das pesquisas a partir de 1988 e, pelo levantamento, tendo por base as problematizações, assim como os lugares e seus agentes de produção, identificamos momentos diferenciados nesse percurso. Foi possível situar um momento inicial, entre os anos de 1988 a 1996, com um número ainda limitado de trabalhos, e um outro de crescimento e consolidação, a partir de 1997⁵.

1º Momento das Pesquisas: 1988-1996

As pesquisas sobre a história do ensino de História, que tiveram início na década de 1980, assinalavam a relevância do tema como subsídio para os debates em torno das reformulações curriculares das áreas das Ciências Humanas (Nadai, 1988a).

Os principais temas do 1º Encontro Perspectivas do Ensino de História de 1988 abordavam os problemas curriculares e as reformas do ensino, então em andamento, marcadas pelo esforço de reintrodução da História e da Geografia como disciplinas autônomas em substituição aos Estudos Sociais introduzidos pela Lei 5.692/1971. Os debates do 1º Encontro representavam a vitória da luta de professores de História e de Geografia, tanto os que atuavam na rede de ensino como os universitários, mas apontavam para outros problemas. Estava em disputa qual História escolar deveria ser reintroduzida nos novos currículos. O crescimento e as novas tendências da historiografia, no decorrer dos anos de 1970 e 1980, proporcionavam novos caminhos para o ensino e ampliava-se o debate sobre os paradigmas que deveriam fundamentar as novas propostas curriculares, incluindo nas discussões as possibilidades de inclusão das experiências das práticas profissionais nas escolas como forma de subsídio para as reformulações da História escolar (Silva, 1984; Fenelon, 1983).

Os critérios para a seleção de conteúdos e de métodos tornavam-se fundamentais para a elaboração de currículos face às transformações que haviam sido introduzidas a partir da década de 1970, notadamente a presença de um novo público escolar, constituído por alunos provenientes das classes trabalhadoras nas escolas, então denominadas de 1º grau. Colocava-se para os educadores o problema de democratização do ensino, uma vez que nos anos de 1980 era facilmente constatado o malogro de um ensino de qualidade para esses novos setores sociais que chegavam à escola. O fracasso escolar era um tema que colocava em cheque os discursos sobre a escola *para todos*, e os debates travados por educadores, dentre eles Paulo Freire e Darcy Ribeiro, situavam a necessidade de mudanças mais radicais quanto ao que se deveria ensinar e de como ensinar, dentre outros aspectos relativos à gestão escolar. Para a História escolar os aspectos prioritários eram o de redefinir os objetivos da disciplina e os critérios para a seleção de conteúdos históricos, visando atender a um público escolar diversificado (Nadai, 1986).

Os desafios de uma renovação mais radical estavam colocados para aqueles que cuidavam da formação dos docentes e, nesta perspectiva, era urgente o apoio de pesquisas na área do ensino, cabendo destacar que não foi apenas o caso da História, mas igualmente para outras disciplinas que precisavam repensar seu significado na formação das novas gerações (Bittencourt, 2003).

As críticas referentes aos Estudos Sociais se estenderam para a História ensinada nos períodos anteriores aos do regime militar e eram colocados os novos desafios a História a ser introduzida nos novos currículos:

Ciência que estuda o movimento das sociedades, só muito recentemente, seus pesquisadores se deram conta de que tratavam, preferencialmente, da memória oficial, que quase sempre se confundia com a memória política, o que, por si só, não era suficiente para garantir a incorporação de amplos segmentos sociais que vêm procurando a escola, insistindo em seu direito a ela, na construção de sua história e na preservação de sua memória (Nadai, 1988a, p.1).

As críticas à História escolar indicavam os caminhos da pesquisa cuja agenda deveria incluir as abordagens metodológicas, as formas de incorporação das novas linguagens para estudo mais dinâmico dos problemas sociais e a atualização dos professores “[...] face aos avanços da ciência histórica” (Nadai, 1988a, p. 2). Diante dos problemas elencados, passou a se constituir como objeto de estudo a *história tradicional*, como, então, passou a ser denominada a História escolar.

As pesquisas sobre a *história tradicional* problematizavam sua origem e o sentido dogmático com que era revestido seu ensino, permeado de estereótipos e mitos sobre a nação. Havia uma tendência em percorrer a criação dos denominados *conteúdos tradicionais* e *métodos tradicionais* aliados a objetivos que se limitavam a fornecer uma determinada identidade nacional para alunos provenientes de segmentos privilegiados da sociedade (Cordeiro, 1994).

O interesse por investigações sobre a história do ensino de História, é importante destacar, ocorria em outros países indicando um momento de tensões e disputas em torno da História escolar. A valorização do currículo científico, com base nas disciplinas denominadas *exatas*, colocava novos questionamentos aos estudos escolares históricos. E, dentro das problemáticas sobre a permanência das disciplinas das ciências humanas ou sociais nos currículos, indagava-se sobre o significado da História como ampliação do conhecimento humanístico ou como instrumento ideológico de formação política, conforme determinações do poder instituído.

O historiador francês Marc Ferro (1983) destacou, em obra de grande repercussão entre os pesquisadores brasileiros nas pesquisas sobre o ensino de História, a importância da disciplina na constituição de uma memória sobre a nação, centrando suas análises na relação entre História escolar e ideologia. Historiadores preocupados com a produção historiográfica sedimentada no século XIX e início do século XX em torno da atuação do Estado/Nação, dentre eles François Furet (s.d.), detiveram-se na função da história como criadora de uma *genealogia da nação*, expressa, sobretudo, pela História ensinada que se expandia pelas escolas. Parte das pesquisas que se iniciavam sobre o ensino de História teve, então, como referência, premissas defendidas por estes autores franceses, aliando as concepções de ideologia burguesa à ideologia do progresso, e situando as relações entre ensino de História e constituição da identidade nacional. As indagações dos pesquisadores da área centraram-se nas origens do modelo da História escolar que se tornou hegemônico, preocupando-se com as origens da disciplina no século XIX e primeiras décadas do século XX (Nadai, 1988b, 1993; Mattos, 1993; Oliveira, 1993; Bittencourt, 1993).

Para historiadores ingleses, o problema da criação de uma historiografia sobre o *fenômeno nacional* também ganhou expressão, sendo um dos referenciais Eric Hobsbawm que, juntamente com Ranger Terence, abordou a construção das tradições ou *invenção das tradições*, incluindo sua importância no sistema educacional (Hobsbawm; Terence, 1984). Essa perspectiva fundamentou alguns trabalhos que passaram a identificar no currículo escolar em geral, e não apenas nas salas de aula de História, as formas de disseminação das *tradições nacionais*, com o objetivo de criação e difusão de uma identidade nacional (Bittencourt, 1988).

A relação entre ensino de História e constituição de identidades, é preciso salientar, tem sido uma problemática que tem perdurado até os dias atuais, embora, em sua maioria, utilizando outros referenciais e categorias de análise. Nessa fase inicial, os pesquisadores, associando-se aos estudos historiográficos preocupados com a *genealogia* da nação, voltaram sua atenção para a história do Brasil e seu ensino, relegando, em certa medida, os demais conteúdos. Os primeiros trabalhos dessa linha de investigação traziam referências de historiadores preocupados com as relações entre a produção historiográfica e a do ensino, baseando-se em problemas semelhantes aos que eram formulados por Suzanne Citron (1987) ao questionar a consolidação da sacralização de uma ideia de nação e a criação de uma mitologia nacional pela história escolar, que se perpetuava a despeito da produção historiográfica mais crítica (Nadai, 1993; Fonseca, 1996).

As primeiras dissertações e teses sobre a história do ensino integraram os cursos de pós-graduação dos Departamentos de História, com a orientação de historiadores, mas é preciso destacar que foram realizados por professores que atuavam em cursos de formação docente nas Faculdades ou Departamentos de Educação, e foram estes que iniciaram a orientação das pesquisas da área de Educação⁶. As pesquisas sobre a história do ensino de História se iniciam, desta forma, a partir dos anos de 1980, articuladas aos problemas presentes na configuração de uma historiografia em fase de renovação e relacionadas às transformações na educação escolar e das políticas públicas, incluindo as questões referentes à formação dos docentes.

As pesquisas sobre a história do ensino colocavam, no entanto, preocupações para além da criação historiográfica de uma nação como personagem histórico e que era consolidada pela educação escolar. Tornava-se necessário acrescentar à história do ensino de História outros agentes envolvidos na disseminação da história nacional e seus heróis. Juntamente com a produção historiográfica e a produção escolar, as pesquisas se voltavam para os responsáveis pelas políticas públicas educacionais e, em especial, aqueles encarregados da elaboração dos programas curriculares. Ao situar o poder político na definição dos currículos, foram identificadas as disciplinas escolares que eram integradas ou descartadas nesse processo. Para o caso da História procurava-se apresentar os sujeitos em seus conflitos e contradições ao estabelecerem e legitimarem determinados saberes históricos (Bittencourt, 1988; Martins, 1996). Nessa dimensão, era necessário delimitar os períodos cruciais em que se criou

e se disseminou a denominada *história tradicional*. Na busca de respostas sobre a natureza do poder político na história do ensino das diferentes disciplinas, pesquisadores optaram por recortes determinados pelas reformas educacionais consideradas significativas pela *história da educação*.

Foram preferenciais, inicialmente, os períodos em que se visualizavam mudanças no ensino a partir de reformas curriculares e da ampliação da rede do ensino. A fase educacional a partir dos anos trinta do século XX foi considerada momento importante na configuração da História escolar, tanto pela consolidação e obrigatoriedade do ensino secundário, como para a expansão de uma cultura nacionalista, muito embora fosse possível identificar os anos de 1920 como período de fundamentação dos referenciais disciplinares efetivados em âmbito nacional. A História escolar, dentro da lógica de formulação de uma ideia unificada de pátria e nação foi, então, analisada em fases de regimes ditatoriais ou centralizadores, tais como as décadas de 1930 (Reznik, 1992; Carvalho, 1992; Abud, 1993) e do período do regime militar (Fonseca, 1991; Almeida, 1996; Cerri, 1996).

A história do ensino da História trouxe, desde seus primórdios, inovações quanto à seleção das fontes de pesquisa. A documentação até então utilizada pela história da educação era insuficiente, assim como a metodologia na análise das fontes mais tradicionais, tais como legislação e relatórios de representantes da educação. Foram acrescentadas fontes de natureza diversificada, entrecruzando os documentos produzidos por agentes do poder estatal, como programas curriculares, legislação, relatórios de inspetores escolares aos manuais didáticos e artigos de revistas educacionais produzidos por intelectuais e professores. Os procedimentos metodológicos para a análise da documentação foi uma das marcas de inovação em relação aos estudos da história da educação que, até os anos de 1980, dedicavam-se aos estudos das instituições ou às ideias pedagógicas. As análises das fontes utilizadas nas pesquisas da história do ensino de História foram marcadas pelas novas tendências historiográficas, sendo que dentre elas passaram a serem empregadas as concepções de Foucault difundidas pela *Arqueologia do saber* (1987) e análises de Adalberto Marson em *Reflexões sobre o procedimento histórico* (1984), que trouxeram aprofundamentos no tratamento das fontes consideradas tradicionais, sendo acrescentadas novas documentações, especialmente os livros didáticos e demais materiais da indústria cultural do período pós 2ª Guerra Mundial (Fonseca, 1991).

No decorrer desse percurso, o debate em torno das disciplinas escolares e dos currículos se adensou por intermédio da introdução das reflexões de sociólogos e historiadores da educação, especialmente ingleses e norte-americanos. As análises de Apple (1989, 1995), David Hamilton (1992), dentre outros, superavam as teorias reprodutivistas que permitiam situar as formas de resistências e as contradições das imposições oficiais dos currículos no interior das instituições escolares. André Chervel (1988) aprofundou os conceitos sobre *disciplinas escolares e currículos*, situando-os nas problemáticas relativas ao conhecimento escolar e em perspectivas históricas. As abordagens sobre o saber histórico escolar tornaram-se mais complexas nos anos iniciais da década

de 1990 ao se estabelecerem as relações entre saber histórico acadêmico e saberes pedagógicos (Bittencourt, 1993). Essas abordagens possibilitaram aprofundar os debates sobre as finalidades educativas da História, não apenas no secundário, mas, também, no ensino elementar e, da mesma forma, incluiu os confrontos e debates nas formulações curriculares entre os interesses políticos dos grupos do poder e o dos historiadores e professores (Martins, 1996; Pires, 1996; Almeida, 1996). Iniciava-se, então, uma nova etapa das pesquisas.

2º Momento das Pesquisas: 1997-2009

No contexto da expansão da historiografia sócio-cultural e das novas configurações dos cursos de pós-graduação entre nós, pode-se identificar um segundo momento da produção sobre a história do ensino de História. Este momento das pesquisas e reflexões em torno da história do ensino de História corresponde à sua consolidação e reconhecimento junto aos demais temas das pesquisas sobre ensino de História⁷. Pela Tabela 2, verifica-se uma ampliação de trabalhos, e igualmente uma produção constante a partir de 1997, condição que reforça a caracterização desse momento em suas especificidades. Destaca-se, nesse período, o crescimento das pesquisas da área do ensino em geral, e da história das disciplinas, crescimento este que foi acompanhado pelo aumento dos cursos de pós-graduação, em particular no campo da educação (Oliveira; Ranzi, 2003). Os *lugares* privilegiados da realização das pesquisas de ensino de História passaram a ser nos programas de educação de diversas instituições, com significativo crescimento de publicações (Tabela 2)⁸.

A segunda metade da década de 1990 foi um período de redefinições das políticas públicas educacionais, incluindo a nova Lei de Diretrizes e Bases (LDB) de 1996 que, diferentemente de períodos anteriores, fundamentava uma estrutura legislativa com base na *pluralidade cultural* da sociedade brasileira, proporcionando, dentre outras transformações, um redimensionamento dos fundamentos do *conhecimento curricular*. A História mantinha-se e estava assegurada pelos currículos oficiais, mas eram, com maior ênfase, questionadas as ausências de grupos sociais e de gênero nos conteúdos históricos escolares.

As abordagens sobre a história do ensino de História, relacionadas à produção historiográfica, permaneceram centrando-se nos estudos sobre os problemas relativos à História do Brasil, seus mitos e heróis. Os referenciais teóricos se pautam na historiografia, associando-se, entretanto, com maior destaque, à produção didática de determinados autores aos seus trabalhos como historiadores pertencentes ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). O ensino de História é analisado quando da sua introdução no ensino secundário do Colégio Pedro II e abrangem estudos sobre o século XIX e primeiras décadas do século XX, sem deixar, no entanto, os estudos sobre os anos de 1930 e 1940 (Mello, 1997; Pereira, 1998; Mattos, 1998, 2007; Hansen, 1998; Reznik, 1998, 2009; Abud, 1997, 1998; Caldas, 2005; Fonseca, 2009).

Sem afastar a importância da historiografia na constituição da história do ensino de História, para alguns pesquisadores, tornou-se um desafio percorrer a trajetória da história escolar a partir das relações entre as duas formas de produção do conhecimento histórico: o acadêmico ou científico e o escolar. Um dos pressupostos que se delineava era a possível identificação das diferenças e aproximações dessas formas de conhecimento, buscando-se analisar suas especificidades e as relações entre elas no processo de legitimação da história na academia (ou universidades) e na escola. A partir das reflexões que visavam aprofundar as relações entre o conhecimento historiográfico e o da história escolar, renovaram-se trabalhos de pesquisadores franceses sobre a história da História enquanto disciplina escolar, que serviram de apoio para estudos sobre períodos semelhantes entre nós (Gasparello, 2002). As pesquisas reconheciam as especificidades do conhecimento histórico, indicando as associações com os modelos pedagógicos:

A história das disciplinas é, com efeito, uma das facetas da reflexão didática que procura elucidar os processos pelos quais um saber categorizado pela especificidade de seu domínio de referência torna-se objeto de conhecimento escolar. A partir dessa relação uma parte dos conceitos e dos instrumentos de análise da didática pode ser aplicada ao estudo histórico dos saberes escolares e auxiliar, com toda a vigilância metodológica que se impõe em razão da transposição no passado, a esmiuçar as situações do ensino (Hery, 1999, p.11).

Os diálogos com demais historiadores preocupados com a Didática da História, favoreceu o aprofundamento dos estudos da História como disciplina escolar, destacando-se as contribuições de Annie Bruter (1993, 2001) e Henri Moniot (1986, 1993) ao refletir sobre as relações entre história e memória como forma de referenciar o ensino de História no presente e em outros momentos do seu conteúdo *ensinável*. Para Henri Moniot, uma agenda para as pesquisas deveria ser a incorporação dos alunos e dos professores como sujeitos da constituição da História como disciplina escolar e, a partir de estudos de casos e das particularidades do cotidiano escolar, seria possível identificar as contradições entre os interesses dos adultos e dos jovens para esse ensino. Situar como problema da pesquisa os interesses dos alunos em confronto com o dos professores, em uma perspectiva histórica, significa introduzir novas fontes, tais como memórias em seus variados suportes: das reminiscências literárias, aos livros didáticos e cadernos usados pelos alunos, as provas e avaliações, além da história oral. Significa, para os pesquisadores, estabelecer articulações entre a história, sociologia e as ciências da educação. Algumas dessas articulações encontram-se nas pesquisas que passaram a incluir os professores na configuração da história escolar, atuando como agentes de resistência das determinações oficiais ou como inovadores de métodos frente aos currículos prescritos. As análises sobre currículos reais que se pautavam nas práticas das aulas de História, assim como na história da formação docente e seu percurso de profissionalização, ampliaram a utilização de novas fontes anteriormente introduzidas nas pesquisas sobre a vida dos professores, com análises sobre escritos de memorialistas, sobre o cotidiano escolar ou da memória oral (Helfer, 2000; Almeida Neto, 2001; Másculo, 2002; Rocha, 2001; Ranzi, 2004; Martins, 2006).

Juntamente com o conceito de disciplina escolar, pesquisadores próximos das investigações sobre a história da educação passaram a utilizar o referencial de *cultura escolar* na caracterização de saberes históricos específicos de determinadas instituições (Chaves, 2006). A *cultura escolar* (Julia, 2001) também serviu como suporte analítico para situar a persistência de determinados conteúdos e, sobretudo, a manutenção de uma história eurocêntrica que impedia a inclusão de novos sujeitos ou mesmo regiões no ensino de História (Dias, 1997; Oliveira, 2000; Chaves, 2006). A partir dos problemas da relação entre o saber histórico e os saberes e práticas pedagógicas, houve empenho em situar as fontes para além dos textos legislativos, tendo os pesquisadores se dedicado a analisar documentos no interior das escolas, como os programas e atas, incluindo o próprio espaço escolar (Prado, 2004; Toledo, 2006).

Foram introduzidos estudos sobre as relações da história escolar com disciplinas concebidas para a formação cívica republicana, estudos estes que questionam os aspectos políticos do ensino escolar na formação da cidadania, mantendo-se a problematização da História escolar em seus vínculos com a constituição de identidades nacionais, acrescidas dos aspectos de formação política dos alunos dos diferentes níveis de escolarização (Santos, 2007). Dentro da problemática da história da historiografia, foram realizadas pesquisas preocupadas com as disciplinas históricas acadêmicas, sendo que se buscava estabelecer o surgimento da relação ensino/pesquisa e a formação do professor de História (Freitas, 2006; Schmidt, 2004).

O *currículo*, como referencial das análises do ensino de História, foi utilizado em sua dimensão plural, constituído ao longo do seu processo de elaboração, como texto oficial à sua efetivação nas salas de aula por professores e alunos, conforme análises de Ivor Goodson (1983). Este autor serviu de base para pesquisas nas quais a ação dos professores, de historiadores e de outros agentes educacionais foram essenciais na constituição da disciplina, tanto na consolidação dos programas como na forma de resistência às imposições oficiais (Martins, 2002; Rocha, 2001; Santos, 2009).

Neste segundo momento da produção das pesquisas, uma das vertentes mais significativas foi a história do ensino analisada por intermédio da história do livro didático no Brasil. Essa tendência estava presente em pesquisas de anos anteriores, mas a partir da segunda metade da década de 1990 houve uma opção acentuada em tornar o livro didático não mais a fonte principal das pesquisas sobre a história da disciplina, mas seu objeto central para explicitar a trajetória do ensino de História.

As concepções de Alain Choppin (1980, 1992) sobre os livros escolares têm servido como referencial para a maioria das pesquisas recentes, alterando as análises que se baseavam com exclusividade nos aspectos ideológicos das obras, assim como apontam para o fato de serem um instrumento tanto de explicitação do conteúdo proposto pelos programas curriculares como pelos métodos de ensino ao formularem as tarefas de aprendizagem dos alunos. Para os estudos históricos das disciplinas escolares, os livros didáticos estão, assim, inscritos em uma longa

tradição, “inseparável tanto na sua elaboração como na sua utilização das estruturas, dos métodos e das condições do ensino de seu tempo” (Choppin, 1980, p. 12).

A importância de utilizar o livro didático como objeto e fonte de pesquisa para a história das disciplinas relaciona-se ao fato de ser o material didático mais utilizado nas escolas a partir do século XIX nos diversos países do mundo ocidental. As concepções de autores sobre a história local e a nacional em diversos momentos da escolarização têm sido investigadas, podendo-se estabelecer as relações entre currículo e livros didáticos (Fonseca, 2001; Oliveira, 2006; Pirola, 2008; Ribeiro Junior, 2007; Magalhães, 2009; Fernandes, 2009; Rodrigues, 2009). Torna-se possível estabelecer, pela literatura escolar, as dimensões internacionais de circularidade cultural das disciplinas escolares e, sob esta condição, algumas pesquisas introduziram análises sobre traduções e/ou adaptações de obras de história para o ensino brasileiro (Másculo, 2008).

O livro didático como objeto central das pesquisas sobre a história da disciplina possibilitou a consolidação de análises com base na história cultural, notadamente no que se refere à história do livro, à circulação da cultura escrita e das práticas de leituras, fundamentando-se em Roger Chartier (1990), Robert Darnton (1990), Michel de Certeau (1982). Os livros didáticos foram referenciados não apenas como instrumento pedagógico, mas articulados aos pressupostos da historiografia sobre a cultura letrada da época moderna. Desta forma foram desenvolvidas pesquisas que analisam livros didáticos a partir da historiografia, redimensionando o significado dos autores das obras escolares de História, situando-os como intelectuais em suas redes de sociabilidades, incluindo nessa esfera a ação dos editores (Gatti Jr., 1998; Oliveira, 2006). O redimensionamento dos fundamentos dos estudos sobre livros de História tem possibilitado identificar os aspectos contraditórios de sua ação como divulgadores de ensino de determinados conteúdos, de promotores da disseminação de valores, de elaboração de modelos de heroísmo, sobretudo aqueles representantes da construção de um ideal de heróis nacionais (Fernandes, 2009). Mostra também a convivência de referenciais historiográficos diversos, utilizados por professores por intermédio da produção didática (Munakata, 2004).

As análises sobre a história do ensino de História e constituição da memória social têm sido problematizadas a partir das lutas dos movimentos sociais que, dentre outras reivindicações, exigem os estudos sobre novos sujeitos relegados e omitidos pela história acadêmica e escolar. A emergência dessas demandas tem favorecido análises sobre a produção histórica escolar no que se refere à história das populações indígenas e afrodescendentes em diferentes momentos da história brasileira. A partir das Diretrizes Curriculares (2003) para o ensino de História e cultura afro-brasileira e africana, foram colocados no centro do debate conceitos de *etnia*, *raça*, *identidade racial*, *racismo*, *pluralidade cultural*. Segundo as historiadoras Abreu, Soihet e Gontijo cabe investigar, por intermédio das noções de *cultura histórica* e *cultura política*, a memória construída pelo ensino de História sobre os diferentes grupos sociais, dentre eles as populações indígenas e os escravos descendentes dos africanos (Abreu; Soihet; Gontijo, 2007). Nesta perspectiva, têm sido desenvolvidos traba-

lhos que se propõem “a pensar historicamente os significados pedagógicos à identidade negra ao longo do tempo” utilizando, especialmente os compêndios didáticos de diferentes períodos (Mattos, 2007, p. 215). O problema em torno da construção de identidades – mestiça, indígena, regional, racial ou étnica, assim como uma identidade latinoamericana vinha sendo realizada por algumas pesquisas na área do ensino (Dias, 1997; Oliveira, 2000; Silva, 2000), mas, a partir das Diretrizes curriculares, as aproximações com os estudos históricos favorecem aprofundamentos e adensamentos sobre as formulações conceituais nas análises sobre a produção escolar em vários momentos da história educacional (Ribeiro, 2004; Mattos, 2007; Moraes, 2009).

As perspectivas das pesquisas sobre a história do ensino de História por intermédio dos livros didáticos parecem promissoras e não indicam esgotamentos quanto aos diversos temas e períodos que abarcam. Os pesquisadores têm enfrentado o desafio de aprofundarem métodos de análises das obras didáticas para recuperarem práticas escolares, utilizando, dentre outros, os procedimentos de Carlo Ginzburg (1989) para leituras de sinais deixados por professores e alunos em obras utilizadas nas salas de aula. Tendo como pressuposto os métodos de ensino e formas de apreensão dos alunos do passado histórico, algumas pesquisas têm abordado a iconografia e seu papel na constituição do saber histórico para diferentes públicos escolares ao longo do século XX, acompanhando as mudanças das tecnologias nos materiais didáticos e suas implicações nos processos de aprendizagens (Neres, 2005; Másculo, 2008; Fernandes, 2009). As análises da iconografia têm sido apoiadas em diversos autores da história da fotografia, dentre eles Boris Kossov (1989) e Miriam Moreira Leite (1998), assim como recorrem a semiólogos, em particular Panofsky (2002). Tais trabalhos indicam novos problemas a serem investigados e se inserem nos debates atuais sobre as narrativas ou de como se escrever história e a História escolar.

Considerações Finais

A produção sobre a história do ensino de História no Brasil realizada no período de 1988 a 2009 possibilitou reflexões sobre os problemas que os pesquisadores colocam no enfrentamento de um tema que tem se mantido constante na área do ensino de História. Pode-se perceber as formulações dos problemas do presente e seus desafios como propulsores de uma história do ensino e, nessa perspectiva, muitas das pesquisas buscam no passado da História escolar as permanências e transformações quanto aos objetivos da disciplina, a construção de seus mitos como *matéria* voltada para construção de valores e identidades sociais e políticas. As fases conturbadas dos períodos das reformas curriculares são recuperadas no sentido de identificar os conflitos e as disputas inerentes à legitimação de determinados conhecimentos a serem disseminados pela escola. Desta forma, as pesquisas sob perspectivas históricas têm buscado subsidiar debates atuais sobre as dificuldades e os impasses na constituição de uma história nacional que se renova quanto aos diferentes sujeitos na constituição da história do país, dos compromissos com a constituição de identidades plurais e significativas para o conjunto da sociedade.

A história do ensino de História, ao longo de sua trajetória como tema de pesquisa, tem buscado evitar os riscos de anacronismos ao analisar práticas pedagógicas entendidas como *atrasadas* ou em uma escala de contínuo *progresso*: de um *ensino ruim* para um *ensino bom*. Ao identificar esse risco, os pesquisadores têm se apoiado em categorias de análise de outros campos não podendo se limitar ao da história da historiografia ou da didática. Sem perder o constante diálogo com a produção historiográfica, incluindo a educacional, e, ao identificar a História escolar como conhecimento específico sem ser autônomo, as pesquisas, em sua maioria, dialogam com os referenciais de diferentes campos das ciências sociais, e igualmente com as teorias da comunicação, entendendo que correspondem a um setor do saber construído em função das necessidades de uma prática.

Recebido em agosto de 2010 e aprovado em novembro de 2010.

Notas

1. Os Anais do 1º Seminário Perspectivas do Ensino de História de 1988 indicam que se iniciavam pesquisas sobre o ensino de História em programas de pós-graduação junto aos Departamentos de História e de Educação e, dentre elas, tópicos que abordavam a história do ensino, embora essa temática não estivesse incluída nos Grupos de Trabalho que se apresentaram naquela ocasião.
2. Foram consultados os bancos de dados da CAPES, Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP, Serviço de Bibliotecas da UNICAMP, Biblioteca Digital da UFMG, Biblioteca On-line da BCT/UFRJ.
3. As teses e dissertações estão elencadas nas Referências Bibliográficas.
4. No que se refere às publicações dos Anais, estão incluídas, na Tabela, apenas as que estão apresentadas na íntegra, por intermédio das quais foi possível verificar os problemas e referenciais teóricos de forma mais precisa.
5. Ernesta Zamboni, ao apresentar o panorama das pesquisas sobre o ensino de História no VI Encontro Nacional de Pesquisadores de Ensino de História, em 2003, na UEL, indicou que a história do ensino de História se integrou como uma das linhas de pesquisa da área a partir de 1997 (Zamboni, 2005).
6. O levantamento das teses e dissertações desse 1º Momento corresponde a 15 trabalhos, sendo que, deste total, 06 foram realizados em programas de pós-graduação de História (USP 4; PUC/SP 1 e UFF 1) e 09 em programas de pós-graduação de Educação (USP 3; UNICAMP 2; UFF 2, FGV 1 e UFMG 1).
7. No IIIº Encontro Nacional de Pesquisadores de Ensino de História realizado em 1997, na UNICAMP-SP, a história do ensino de História aparece com uma produção mais numerosa que possibilitou a criação de um Grupo de Trabalho cujas discussões se ampliaram nos demais encontros da área (Cerri, 2007).
8. Pela Tabela 1, do total de teses e dissertações, 67% correspondem ao período pós 1996. Muitas das pesquisas estão inseridas em projetos financiados pelas principais agências de fomento – CAPES, FINEP, CNPq, FAPESP, FAPERJ – sendo que a maior parte das publicações elencadas na Tabela resultam de tais projetos (Mattos, 1998; Abreu, 2007).

Referências

- ABREU, Martha; SOEITH, Rachel; GONTIJO, Rebeca (Orgs.). **Cultura Política e Leituras do Passado**: historiografia e ensino de história. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- ABUD, Kátia Maria. Currículos de História e Políticas Públicas: os programas de 1931. In: BITTENCOURT, Circe (Org.). **O Saber Histórico na Sala de Aula**. São Paulo: Contexto, 1997. P. 28-41.
- ABUD, Kátia Maria. **Dimensão Utópica nas Representações sobre o Ensino de História**: memórias de professores. São Paulo, 2001. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.
- ABUD, Kátia Maria. O Ensino de História Como Fator de Coesão Nacional: os programas de 1931. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 13, n. 25/26, p. 163-174, set. 1992/ago. 1993.
- ABUD, Kátia Maria. Formação da Alma e do Caráter: o ensino de história na Era Vargas. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 18, n. 36, p. 103-113, 1998.
- ALMEIDA NETO, Antonio. **O Ensino de História no Período Militar**: práticas e cultura escolar. São Paulo, 1996. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.
- ALMEIDA NETO, Antonio. **Dimensão Utópica nas Representações sobre o Ensino de História**: memórias de professores. 2001. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.
- APPLE, Michael. **Educação e Poder**. Tradução de Maria Cristina Monteiro. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- APPLE, Michael. **Trabalho Docente e Textos**: economia política das relações de classe e gênero em educação. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Vera Maria Moreira. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- BITTENCOURT, Circe Fernandes. **Pátria, Civilização e Trabalho**: o ensino de história nas escolas paulistas (1917-1939). São Paulo, 1988. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1988.
- BITTENCOURT, Circe Fernandes. **Livros Didáticos e Conhecimento Histórico**: uma história do saber escolar. São Paulo, 1993. Tese (Doutorado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.
- BITTENCOURT, Circe Fernandes. Disciplinas Escolares: história e pesquisa. In: OLIVEIRA, Marcus; RANZI, Serlei (Org.). **História das Disciplinas Escolares no Brasil**: contribuições para o debate. Bragança Paulista: EDUSF, 2003. P. 9-38.
- BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de Janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática. História e Cultura Afro-Brasileira. **Diário Oficial da União [da República Federativa do Brasil]**, Brasília, DF, seção 1, p.1, 10 jan. 2003.

BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de Janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática. História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena. **Diário Oficial da União [da República Federativa do Brasil]**, Brasília, DF, seção 1, p.1, 10 mar. 2008.

BRUTER, Annie. **Les Paradigmes Pédagogiques**: recherches sur l'enseignement de l'histoire au XVII siècle (1600-1680). Paris, 1993. Th. Doctorat (Didactique de l'Histoire) — Université de Paris VII, Paris, 1993.

BRUTER, Annie. Les Paradigmes Pédagogiques, d'hier à aujourd'hui. **Perspectives Documentaires en Éducation**, Paris, n. 53, p. 39-44, 2001.

CALDAS, Karina Ribeiro. **Nação, Memória e História**. A formação das tradições nos manuais escolares (1900-1922). 2005. Dissertação (Mestrado em História) Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2005.

CARVALHO, Delgado de. **Introdução Metodológica aos Estudos Sociais**. Rio de Janeiro: Agir, 1970.

CASTRO, Amélia Domingues de. A História no Curso Secundário Brasileiro: estudo evolutivo. **Revista de Pedagogia**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 59-78, jan./jun. 1955.

CERRI, Luis Fernando. **Non Ducor, Ducor**: a ideologia da paulistanidade e a escola. Campinas, 1996. Dissertação (Mestrado em Educação) — Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

CERRI, Luis Fernando. **Ensino de História e Nação na Propaganda do Milagre Econômico do Brasil (1969-1973)**. Campinas, 2000. Tese (Doutorado em Educação) — Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

CERRI, Luis Fernando. Uma Proposta de Mapa do Tempo Para Artesãos de Mapas do Tempo: histórias do ensino de história e didática da história. In: MONTEIRO, Ana Maria; GASPARELLO, Arlette M.; MAGALHÃES, Marcelo (Org.). **Ensino de História**: sujeitos, saberes e práticas. Rio de Janeiro: FAPERJ, Mauad X, 2007. P. 59-72.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Tradução Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Tradução Manuela Galhardo. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1990.

CHAVES, Miriam. Um Estudo Sobre a Cultura Escolar no Rio de Janeiro dos anos de 1930 Pelas Lições de História. **Revista Brasileira de História da Educação**, São Paulo, n. 11, p. 71-100, jan./jun. 2006.

CHERVEL, André. História das Disciplinas Escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. **Teoria & Educação**, Porto Alegre, n. 2, p. 177-229, 1990.

CHOPPIN, Alain. L'Histoire des Manuels Scolaires: une approche globale. **Histoire de l'Éducation**, Paris, n. 9, p. 1-25, déc. 1980.

CHOPPIN, Alain. **Les Manuels Scolaires**: histoire et actualité. Paris: Hachette Éducation, 1992.

CITRON, Suzanne. **Le Mythe National**: l'histoire de France en question. Paris: Les Éditions Ouvrières; EDI, 1987.

- CORDEIRO, Jaime Parreira. **A História no Centro do Debate**: da crítica do ensino ao ensino crítico – as propostas de renovação do ensino de história nas décadas de setenta e de oitenta. São Paulo, 1994. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.
- DARTON, Robert. **O Beijo de Lamourette**: mídia, cultura e revolução. Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- DIAS, Maria de Fátima Sabino. **A Invenção da América na Cultura Escolar**. Campinas, 1997. Tese (Doutorado em Educação). Pós-Graduação da Faculdade de Educação UNICAMP, Campinas, 1997.
- FENELON, Déa Ribeiro. A licenciatura na área das Ciências Humanas. **Ciência e Cultura**, Campinas, v. 9, n. 35, p. 1257-62, set. 1983.
- FENELON, Déa Ribeiro. Sobre a proposta para o ensino de História de 1º Grau. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 7, n. 14, p. 249-54, mar./ago. 1987.
- FERNANDES, Rui Aneceto. Um livro para contar a história fluminense. O primeiro manual didático da história do estado do Rio de Janeiro. In ROCHA, Helenice; MAGALHÃES, Marcelo; CONTIJO, Rebeca (Org.). **A Escrita na Escola**. Memória e historiografia. Rio de Janeiro: editora FGV, 2009. P. 345-365.
- FERRO, Marc. **Manipulação da História no Ensino e nos Meios de Comunicação**. São Paulo: IBRASA, 1983.
- FONSECA, Selva Guimarães. **Caminhos da História Ensinada**. (São Paulo e Minas Gerais: anos 70 e 80). São Paulo, 1991. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991.
- FONSECA, Selva Guimarães. **Ser Professor de História**: vidas de mestres brasileiros. São Paulo, 1996. Tese (Doutorado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.
- FONSECA, Thaís Nívia de Lima. **Os Combates Pelo Ensino de História**: novas questões, velhas estratégias. Belo Horizonte, 1996. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1996.
- FONSECA, Thaís Nívia de Lima. **História & Ensino de História**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- FONSECA, Thaís Nívia de Lima. Historiografia do Ensino de História. In: JESUS, Nauk Maria de et al. (Org.). **Ensino de História**: trajetórias em movimento. Cáceres: Editora Unemat, 2007. P. 11-19.
- FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense, 1987.
- FREITAS, Itamar. **Histórias do Ensino de História no Brasil (1890-1945)**. São Cristóvão/SE: Editora UFS; Aracajú: Fundação Oviedo Teixeira, 2006.
- FREITAS, Itamar. A Historiografia Escolar na Comissão Nacional do Livro Didático: pareceres de Jonathas Serrano (1938-1941). **História & Ensino**, Londrina, v. 12, p. 141-156, ago. 2006.
- FURET, François. O Nascimento da História. In: FURET, François. **A Oficina da História**. Lisboa: Gradiva, [s.d.].
- GASPARELLO, Arlette Medeiros. **Construtores de Identidades**: a pedagogia da nação nos livros didáticos da escola secundária brasileira. 2002. Tese (Doutorado em

Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002.

GATTI JÚNIOR, Décio. História do Ensino de História no Brasil: categorias, fontes de pesquisa e historiografia recente (1990-2008). In: ANDRADE, João Maria; STAMATTO, M. Inês Sucupira (Org.). **História Ensinada e a Escrita da História**. Natal: EDUFRRN, 2009. P. 21- 39.

GATTI JÚNIOR, Décio. **Livro Didático e Ensino de História**: dos anos sessenta aos nossos dias. São Paulo, 1998. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1998.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas e Sinais**: morfologia e história. Tradução de Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. P. 145-179.

GOODSON, Ivor. **Currículo**: teoria e história. Tradução Atílio Brunetta. Petrópolis: Vozes, 1995.

HAMILTON, David. Sobre as Origens dos Termos Classe e Curriculum. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. **Teoria & Educação**, Porto Alegre, n. 6, p. 33-52, 1992.

HELPER, Nadir Emma. A Memória do Ensino de História. In: LENSKIJ, Tatiana et al. (Org.). **A Memória e o Ensino de História**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC; São Leopoldo: ANPUH/RS, 2000. P. 53- 96.

HERY, Evelyne. **Un Siècle de Leçons d'Histoire**: l'histoire enseignée au lycée de 1870-1970. Rennes: Presses Universitaire de Rennes, 1999.

HOBSBAWM, Eric ; TERENCE, Ranger. **A Invenção das Tradições**. Tradução de Celina Cavalcante. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HOLLANDA, Guy de. **Um Quarto de Século de Programas e Compêndios de História para o Ensino Secundário Brasileiro** (1931-1956). Rio de Janeiro: INEP/MEC, 1957.

JULIA, Dominique. A Cultura Escolar Como Objeto Histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, n. 1, p. 9-43, jan./jun. 2001.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. São Paulo: Ática, 1989.

LEITE, Miriam Moreira. Texto Visual e Texto Verbal. In: LEITE, Miriam; FELDMAN-BIANCO, Bela (Org.). **Desafios da Imagem**: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais. Campinas: Papirus, 1998. P. 11-39.

MARSON, Adalberto. Reflexões Sobre o Procedimento Histórico. In: SILVA, Marcos (Org.). **Repensando a História**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1984. P. 37-64.

MARTINS, Maria do Carmo. **A Construção da Proposta Curricular da CENP no Período de 1986 a 1992**: confrontos e conflitos. Campinas, 1996. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

MARTINS, Maria do Carmo. **A História Prescrita e Disciplinada nos Currículos Escolares**: quem legitima esses saberes? Campinas, 2002. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

MÁSCULO, José Cássio. **A Coleção Sérgio Buarque de Hollanda**: livros didáticos e ensino de História. São Paulo. 2008. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-

Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

MÁSCULO, José Cássio. **Concursos de Professores de História da Rede Pública Frente às Práticas e ao Conhecimento Histórico** – São Paulo 1970-1998. São Paulo, 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

MATTOS, Hebe. O herói negro no ensino de História do Brasil: representações e usos da figura de Zumbi e Henrique Dias nos compêndios didáticos brasileiros. In: ABREU, Martha; SOEITH, Rachel; GONTIJO, Rebeca (Orgs.). **Cultura Política e Leituras do Passado: historiografia e ensino de história**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, P. 203-228.

MATTOS, Ilmar Hohloff de (Org.). **Histórias do Ensino de História no Brasil**. Rio de Janeiro: Access, 1998.

MATTOS, Selma Rinaldi. **Brasil em Lições: a história do ensino de história do Brasil através dos manuais de Joaquim Manoel de Macedo**. Rio de Janeiro, 1993. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação, Instituto de Educação, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1993.

MATTOS, Selma Rinaldi. **Para Formar os Brasileiros**. O Compêndio da História do Brasil de Abreu e Lima e a expansão para dentro do Império Brasileiro. São Paulo, 2007. Tese (Doutorado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

MELLO, Ciro. **Senhores da História: a construção do Brasil em dois manuais de história da segunda metade do século XIX**. São Paulo, 1997. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

MONIOT, Henri. **Didactique de l'Histoire**. Paris: Nathan, 1993.

MONIOT, Henri. Epistémologie de l'histoire et didactique de l'histoire. In: MONIOT, Henri. **Actes du Colloque**. Paris: INRP, 1986. P. 35-45.

MORAES, Renata Figueiredo. Memórias e histórias da Abolição : uma leitura das obras didáticas de Osório Duque-Estrada e João Ribeiro. In ABREU, Martha; SOEITH, Rachel; GONTIJO, Rebeca (Orgs.). **Cultura Política e Leituras do Passado: historiografia e ensino de história**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. P. 249-266.

MUNAKATA, Kazumi. Dois Manuais de História Para Professores: histórias de sua produção. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 3, p. 513-529, set./dez. 2004.

MUNAKATA, Kazumi. História que os Livros Didáticos Contam Depois que Acabou a Ditadura Militar no Brasil. In: FREITAS, M. (Org.). **Historiografia Brasileira em Perspectiva**. São Paulo: Contexto, 1998. P. 271-296.

NADAI, Elza (Org.). Apresentação. In: SEMINÁRIO PERSPECTIVAS DO ENSINO DE HISTÓRIA. **Anais**. São Paulo: FEUSP, 1988a. P. 1-25.

NADAI, Elza. O Ensino de História e a “Pedagogia do Cidadão”. In: PINSKY, Jaime (Org.). **O Ensino de História e a Criação do Fato**. São Paulo: Contexto, 1988b. P. 23-30.

NADAI, Elza. O Ensino de História no Brasil: trajetória e perspectiva. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 13, n. 25/26, p. 143-162, set. 1992/ago. 1993.

NADAI, Elza. A Escola Pública Contemporânea: os currículos oficiais de História e o ensino temático. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 6, n. 6, p. 99-116, set. 1985/fev. 1986.

NERES, Julio Maria. **A Produção Didática de História em Quadrinhos**: Julierme e a história para a escola moderna (1969-1975). São Paulo, 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

OLIVEIRA, José Deusdete. **O Ensino de História no Colégio Pedro II**: uma leitura dos programas de ensino até o final do século XIX. Niterói, 1993. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1993.

OLIVEIRA, Marco Antonio de. **Os Intelectuais e a Produção da Série Resumo Didactico pela Companhia Melhoramentos de S. Paulo - 1918-1936**. São Paulo, 2006. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

OLIVEIRA, Marco Antonio de. **O Negro no Ensino de História**: temas e representações. São Paulo, 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

OLIVEIRA, Marcus; RANZI, Serlei (Org.). **História das Disciplinas Escolares no Brasil**: contribuições para o debate. Bragança Paulista: EDUSF, 2003.

PANOFSKY, Erwin. **Significado nas Artes Visuais**. Tradução de Jacob Guinzburg. São Paulo: Perspectiva, 2002.

PEREIRA, Alzira C. **Memória e História na Obra Pedagógica de João Ribeiro (1890-1925)**. Rio de Janeiro, 1998. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.

PIRES, Veríssimo Lopes. **O Ensino de História nas Escolas Primárias (1940-1950)**. São Paulo, 1996. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

PIROLA, André. **O Livro Didático no Espírito Santo e o Espírito Santo no livro Didático**: história e representações. Vitória, 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2008.

PRADO, Eliane Mimesse. **As Práticas dos Professores de História nas Escolas Estaduais Paulistas nas Décadas de 1970 e 1980**. São Paulo, 2004. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.

REZNIK, Luís. História da historiografia: a era Vargas nos livros didáticos. In: ROCHA, Helenice; MAGALHÃES, Marcelo; CONTIJO, Rebeca (Org.). **A Escrita da Escola**: memória e historiografia. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009. P. 411-429.

REZNIK, Luís. **Tecendo o Amanhã - a História do Brasil no Ensino Secundário**: programas e livros didáticos 1931-1945. Niterói, 1992. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1992.

RIBEIRO, Renilson. **Colônia(s) de Identidade(s)**. Discursos sobre a raça nos manuais escolares de História do Brasil. Campinas, 2004. Dissertação (Mestrado em História Cultural) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas, Instituto de Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

RIBEIRO JUNIOR, Halferd Carlos. **O Sistema de Ensino Ginásial e Livros Didáticos:** interpretações da Independência Brasileira de Joaquim Silva entre 1946 e 1961. Franca, 2007. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação História, Universidade Estadual de São Paulo, Franca, 2007.

ROCHA, Ubiratan. **Currículos de História do Rio de Janeiro, Cotidiano Escolar e Ensino:** recuperando elos perdidos. São Paulo, 2001. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

RODRIGUES, André Coura. **Manuais Didáticos e Conhecimento Histórico na Reforma João Pinheiro:** Minas Gerais, 1906 a 1911. São Paulo, 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

SANTOS, Beatriz Boclin Marques dos. **O Currículo da Disciplina Escolar História no Colégio Pedro II - a década de 1970:** entre a tradição acadêmica e a tradição pedagógica: a história e os estudos sociais. Rio de Janeiro, 2009. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009.

SANTOS, Cleber Vieira dos. **Entre as Coisas do Mundo e o Mundo dos Livros:** prefácios cívicos e os processos escolares no Brasil republicano. São Paulo, 2007. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. História com Pedagogia: a contribuição de Jonathas Serrano na construção do código disciplinar da história no Brasil. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 24, n. 48, p. 189-212, jul./dez. 2004.

SILY, Paulo Rogério Marques. **Formação do Professor de História:** o caso da UFF. Niterói, 1993. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1993.

SILVA, Adriane Costa da. **Versões Didáticas da História Indígena (1870-1950).** São Paulo, 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

SILVA, Marcos. **Repensando a História.** Rio de Janeiro: Marco Zero, 1984.

TOLEDO, Maria Aparecida. **A Disciplina de História no Paraná:** os compêndios de História e a História ensinada (1876-1905). São Paulo, 2006. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

ZAMBONI, Ernesta. Encontros Nacionais de Pesquisadores de História: perspectivas. In: ARIAS NETO, José Miguel (Org.). **Dez Anos de Pesquisas em Ensino de História.** Londrina: AtritoArt, 2005. P. 37-49.

Circe Fernandes Bittencourt é professora doutora em História Social pela FFLCH/USP, é atualmente professora do Programa de Pós-Graduação em Educação: História, Política, Sociedade PUC/SP e professora aposentada da Faculdade de Educação/USP, São Paulo, Brasil. Desenvolve pesquisas sobre história do livro e das disciplinas escolares (Projeto LIVRES) e coordena o projeto CAPES Observatório da Educação Indígena.

E-mail: cbittencourt@pucsp.br